

DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. Um corpo marcado de sentidos e a dança nos espaços da cidade: o Metrô de Belleville de Paris no contexto. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Docente na UFMG. Doutoranda Pós-Lin/UFMG, orientadora: Ana Cristina Ficke Matte. Bolsista PDSE-CAPES 0030-12-0. Produtora; Professora; Dançarina e Coreógrafa. bel.coimbra@hotmail.com.

**RESUMO:** Compreendendo que o corpo e a cidade são organismos que se fundem nas relações e situações socioculturais, políticas e artísticas, tecendo diversas ações e contextos, propomos pensar a cidade como campo ampliado da arte na perspectiva da dança. Nosso maior objetivo é discutir o corpo, a cidade e a dança como lugares semióticos que se fundem. A semiótica francesa Greimasiana é nossa metodologia de base. Tendo como pano de fundo sociocultural e cenário o Metrô de Belleville em Paris, o corpo e o sentido encarnado foram tratados e investigados como realidades semiotizadas. O projeto Dança na Mochila foi a nossa estratégia de inserção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Cidade ; Dança; Semiótica.

**RESUMÉ:** À partir d'une compréhension du corps et de la ville comme des organismes qui se fusionnent dans ces relations, en élargissant les actions et en tissant d'autres actions et contextes, nous nous proposons de réfléchir sur la ville en tant que champ élargi de l'art à travers la perspective de la danse. Notre objectif centrale est de discuter le corps, la ville et la danse comme des lieux sémiotiques qui fusionnent. La Sémiotique Française Greimassienne est notre méthodologique de base. Dans le scénario de la station Belleville du métro, à Paris, les discours sur le corps et le sens incarné sont traités et étudiés comme des réalités sémiotiques. Le projet *Danse au Sac à Dos* est notre stratégie d'insertion dans l'espace-scénique.

**MOTS-CLES :** Corps; Ville; Danse; Sémiotique.

## **UM CORPO MARCADO DE SENTIDOS E A DANÇA NOS ESPAÇOS DA CIDADE: O METRÔ DE BELLEVILLE DE PARIS NO CONTEXTO**

### **PRIMEIRAS PALAVRAS**

Pensar e tratar a cidade como espaço onde se estabelecem relações e situações socioculturais, políticas e artísticas nos remetem a também refletir sobre a idéia de corpo.

Entendendo que o corpo e a cidade são organismos que se fundem nessas relações, ampliando ações e tecendo muitos outros contextos, propomos pensar a cidade como campo ampliado da arte na perspectiva da dança. Nesse sentido nos espaços do corpo, da dança e da cidade vão ocorrer diferentes trocas e informações que possibilitam tanto o formular como o deslocar de idéias, pensamentos e leituras que permitem a produção de re-inscrições e de re-configurações nas maneiras de organizar e perceber o mundo circunscrito.

Tendo como pano de fundo sociocultural e cenário o Metrô de Belleville em Paris, propomos discorrer sobre o corpo e o sentido encarnado tratados e investigados como realidades semiotizadas. O projeto “Dança na Mochila” é a nossa estratégia de intervenção espaço-cena. Nosso objetivo é discutir o corpo, a cidade e a dança como lugares semióticos que se fundem sob a perspectiva da semiótica francesa.

## A DANÇA NA MOCHILA – MISSÃO FRANCA: METRÔ BELLEVILLE

A Dança na Mochila é uma estratégia metodológica de intervenção espaço-cênica que consiste em uma dança “livre” de um estilo pré-definido ou de um roteiro rígido. É uma dança movida pelo impulso da experiência pessoal do bailarino-sujeito em contato com um espaço e um tempo “local” marcado pelo momento. Em outras palavras, ao caminhar por lugares públicos como ruas, avenidas, praças, metrô, parques, monumentos, templos e edificações várias, onde surgir o impulso para a dança a mesma acontece.

A Dança na Mochila faz parte da Linha de Pesquisa Dança Linguagem e Tecnologia do Grupo de Pesquisa Concepções Contemporâneas em Dança – COODA certificado pelo CNPQ, é um projeto parceiro ao Grupo de Pesquisa do Semiotec da Texto Livre e das atividades desenvolvidas pelo Grupo Experimental Dança<sup>1</sup> da Universidade Federal de Minas Gerais. Cada projeto da Dança na Mochila leva o nome do local, região ou país em que o trabalho acontece.

O trabalho em tese, implica em *flashes* de danças inspiradas em *A Sagração da Primavera* de Pina Bausch (1980), publicados no *YouTube*. Após a análise do espetáculo disponível no ciberespaço, sob a perspectiva da semiótica visual, traçamos um roteiro voltado para a gestualidade, a improvisação coreográfica e a ocupação do espaço selecionado. As intervenções de dança foram fotografadas, filmadas, editadas e publicadas posteriormente na internet no blog [dancanamochila.wordpress.com](http://dancanamochila.wordpress.com). O Metrô de Belleville faz parte deste *corpus*.



Figura 1 : Métro de Belleville<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Source : <http://www.flickr.com/photos/arslan/345932371>. *Fotografia de Arslan*. Acessada em 20.07.2013

*Belleville* está no 20<sup>o</sup> *arrondissement* de Paris. Historicamente, era um bairro de classe operária parisiense. Na revolução de 1848 seus moradores desempenharam um papel importante no estabelecimento da república francesa através de suas ações incisivas no confronto com as forças armadas do regime vigente. Em 1871, os moradores mais uma vez foram alguns dos mais fortes apoiadores da Comuna de Paris, ocasião quando o exército de Versailles foi enviado para reconquistar a cidade. Em maio deste mesmo ano, o regime enfrentou uma das maiores resistências populares e uma luta de rua sangrenta teve sua última barricada na rue Ramponeau em Belleville.

Durante a primeira metade do século 20, muitos imigrantes estabeleceram-se ali: judeus alemães fugindo do Terceiro Reich em 1933, e os espanhóis em 1939. Muitos argelinos e os judeus da Tunísia chegaram na década de 1960.

Excluída do grande redesenho de Paris promovido pelo Barão de Haussmann, há uma diversidade cultural e uma arquitetura diferenciada um pouco diferente do resto da cidade. A língua francesa se mistura aos dialetos. As placas em francês de *bistrôs*, bares de vinhos e *boulangeries* se intercalam a letreiros de varias línguas (principalmente o chinês), balcões de sushi, açougues muçulmanos, restaurantes tunisianos, argelinos, marroquinos, etíopes e outros. Prateleiras de livros se revezam com vitrines de tecidos que envolvem rostos e corpos africanos, indianos, árabes. Sua comunidade chinesa é uma das maiores de Paris.

A rua *Belleville* é o epicentro deste ponto borbulhante, onde a mais importante atração turística é o cemitério Père-Lachaise que, apesar de guardar túmulos famosos como os de Chopin, Oscar Wilde, Marcel Proust, Honoré de Balzac, Jim Morrison e o Edith Piaf.

O acesso principal para *Belleville* e toda Paris é o *Métropolitain de Paris* mais conhecido como metrô, que pontualmente serve a cidade. É uma grande teia subterrânea que proporciona à população um transporte rápido e livre de engarrafamentos típicos. A estação do metrô em *Belleville* está bem no meio desse burburinho. Acho que foi por isso que nessa estação eu senti o impulso para um dos momentos da dança na mochila em Paris. Aqui, ao andar pelas ruas, subir e descer as escadas, ao entrar e sair dos trens, passar entre os transeuntes eu me senti um corpo mergulhado, inscrito e inserido na cidade, no meio, no todo.



Figura 2 : No Metrô Belleville <sup>1</sup>

## O CORPO, A DANÇA, O ESPAÇO E A SEMIÓTICA GREIMASIANA EM CENA

Para a Semiótica Francesa, o corpo, a forma e as transformações das figuras do corpo fornecem uma representação discursiva das operações profundas do processo semiótico e o conteúdo existe potencializado até que seja manifestado pela junção com a expressão (Fontanille, 2004b). Dessa junção, há a configuração da forma, que é constituída por significante e significado. Tem-se aí uma relação súnica que proporciona todo esse “parecer do sentido”, apreendido por meio das formas de linguagem.

Nesse sentido o corpo não é simplesmente um canal passivo de sensações, ou mero receptor que responde mecanicamente a uma forma de energia, mas o corpo se constitui, sobretudo, de sistemas perceptivos complexos, que, além de ativos, são inter-relacionados. *Grosso modo*, o corpo que dança é mais que movimentos coordenados e encadeados no tempo e no espaço, a dança é uma possibilidade de linguagem.

Assim, tratando do corpo em dança como linguagem e um lugar de semiose, Fontanille (2004a e 2011) nos proporciona ferramentas para examinar a diversidade dos modos do *sensível*, explorando os primeiros elementos de uma sintaxe das figuras corporais do discurso apontando para os envelopes corporais.

Para Greimas e Fontanille (1993) o corpo em movimento conhece uma pressão, uma tensão (atração, impulso, obstáculo etc.) que de um lado é o resultado de seu próprio movimento e ao mesmo tempo das linhas de tendência e das forças de resistência da substância que ele enfrenta. A

configuração do sentido é, portanto uma modulação do corpo perceptivo em movimento.

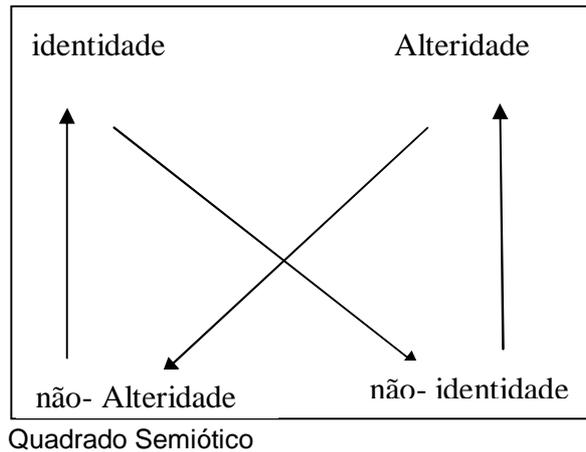
Segundo Fabiana Brito (2008), cada dança expressa um modo particular do corpo conduzir a tessitura da sua rede de referências informativas, a partir das quais o seu relacionamento com o ambiente pode instaurar novas sínteses de sentidos. Nessa perspectiva, o sentido como um percurso gerativo vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. São apresentados em três níveis de análise: o fundamental, o narrativo e o discursivo num processo de enriquecimento gradativo (GREIMAS; COURTÉS, 2008).

Aqui, no bojo das linguagens sincréticas a dança é analisada a partir do semissimbolismo aliado principalmente ao nível profundo do percurso gerativo sentido que partir de uma estrutura ou oposição de sentidos pela marcação entre a euforia e a disforia, trabalha com oposições semânticas que mantêm entre si uma relação de contrariedade (BARROS, 2002).

## **A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA E A DANÇA NA MOCHILA**

*A Sagração da Primavera conforme breve descrição do espetáculo de Pina Bausch, versa sobre um grupo entre homens e mulheres (identidade) que durante um ritual sociocultural elegem uma das mulheres para determinado fim. Esta é marcada através de um vestido vermelho (alteridade) distinguindo-a do restante do grupo de mulheres (vestidas de branco). No final do espetáculo ao ser separada do grupo, ela (a mulher de vermelho) dança exaustivamente em sacrifício sob o solo coberto de terra até desfalecer ou “morrer” diante do olhar expectador de todos.*

Nessa perspectiva, semioticamente no nível profundo, a relação entre o termo simples *identidade* com o termo simples *alteridade* são pistas para definir a categoria semântica mínima *identidade vs. alteridade*. Essa rede fundamental de relações pode ser formalizada na relação entre os termos contrários *identidade versus (vs.) alteridade responsável* pela orientação de seu sentido mais geral e abstrato *identidade → não-identidade → não-alteridade → alteridade* no quadrado semiótico.



Nessa análise, a categorização no nível profundo das obras foram pontuadas nas dimensões topológicas (*englobante vs. englobado*), nas eidéticas e gestuais (*circularidade vs. linearidade*), na cromática do figurino feminino (*branco vs. vermelho*) e cromática da iluminação (*claro vs. escuro*). Neste percurso há pistas para uma sobredeterminação tímica ou fórica dos termos dos planos do conteúdo e dos planos da expressão nas categorias *identidade vs. alteridade*.

O piso do palco é a terra, o altar lugar onde o ritual e o sacrifício acontecem. O tecido e o vestido vermelho figurativiza o “sacrifício”. As contrações corporais e a repetição sistemática de circularidade tanto nos corpos dos bailarinos como da ocupação do espaço da tela do computador apontam para uma perspectiva mítica e ritualística.



**Figura 3:** Contração vs. Expansão<sup>2</sup>

De posse dessas “marcas” um roteiro de movimentação foi estabelecido para o projeto Dança na Mochila. Dessas marcas o sangue e o sacrifício foram figurativizados por meio de um tecido vermelho que ao ser tirado de dentro da

<sup>2</sup> Fotos extraídas do vídeo.

mochila ganhou forma enchendo o tempo, o espaço e o corpo da bailarina de sentidos.



**Figura 4** : Voile Dansant no Metrô Belleville<sup>3</sup>

Assim, em cena no Metrô de Belleville, do meio dos transeuntes uma personagem de repente também se destacou do todo, marcada pelo tecido vermelho e pela dança que afluou. Ao espectador foi apresentado o movimento do tecido vermelho como extensor da qualidade ondulatória e circular do movimento corporal. Em cada movimento a *personagem* transformou seu corpo e alterou o espaço, através de sua dança e do uso do tecido vermelho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo como pano de fundo sociocultural e cenário o Metrô de Belleville, o corpo e o sentido encarnado foram tratados e investigados como realidades semiotizadas.

Compreendendo que o corpo e a cidade são organismos que se fundem nas relações e situações socioculturais, políticas e artísticas, tecendo diversas ações e contextos, podemos pensar a cidade (núcleo sociocultural) como campo ampliado da arte na perspectiva da dança.

---

<sup>3</sup> Arquivo pessoal de Isabel Coimbra

Esta experiência é, sobretudo, um encontro de corporeidades entre a experiência vivida e a experiência em curso. É uma ação plástica de ocupação do espaço e do tempo, pela dança e por um tecido vermelho em alusão aos signos *identidade vs. alteridade* observados em *A Sagração da Primavera* que surgiu pigmentando a paisagem, produzindo textos poéticos em que o sangue, a morte, a vida, o tempo, e o espaço da cidade se fundiram em sentidos. O tecido vermelho como signo-índice-sentido de alteridade construiu uma nova dimensão espacial para o corpo em movimento, colocando-se em cena uma nova realidade corpórea dançada a ser visualizada e re-pensada.

Nessa perspectiva, podemos dizer que os sentidos encarnados no corpo que dança se concretizaram através de mediações que acionaram encadeamentos corpo-ambiente construindo modos de subjetivação da cidade na observação e discussão do/no corpo da artista na cena.

Assim, a cidade e o corpo se encontraram num processo interativo de geração de sentido no corpo-que-dança, o que implica, inclusive, reconhecê-los como extensão um do outro. Entre *A Sagração da Primavera* e o *Metrô de Belleville* o ambiente e a existência, trouxeram à luz na corpografia em dança, um corpo-que-sente que se transforma constantemente em sentidos que se dá a ver.

Foi mais uma oportunidade para perceber que nos espaços da cidade a *alteridade* não existe se não existir a *identidade*.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BRITO, Fabiana Dultra. Corpo e ambiente: co-determinações em processo. In: *IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT*. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008.

FONTANILLE, J. *Soma et séma : Figures du corps*, Paris, Maisonneuve et Larose, 2004a.

\_\_\_\_\_. A semiótica do corpo: entre psicanálise, fenomenologia e antropologia. In: *Razões e sensibilidade: a semiótica em foco*. CORTINA, A e MARCHEZAN, R.;C. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004b.

\_\_\_\_\_. *Corps set sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTES, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. ; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.